

Lições sobre pesquisa em Thompson e Hobsbawm

Maria das Dores Cardoso Frazão¹

Resumo: Ao longo de uma pesquisa temos contato com autores/as que nos ajudam a pensar o objeto de estudo. Sendo assim, durante o processo formativo de curso de doutorado, a autora deste artigo analisou as obras *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional* e *A formação da classe operária Inglesa*, de Edward Palmer Thompson, e *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*, de Eric Hobsbawm. As análises suscitaram reflexões sobre a utilização de conceitos, bem como sobre as implicações do pesquisador com a pesquisa; além de possibilidades de interpretar e transformar o mundo, questões inerentes ao ato de pesquisar.

Palavras-chave: Pesquisa; Trabalho; Leitura

Lessons about research in Thompson and Hobsbawm

Abstract: Throughout a research we have contact with authors who help us to think the object of study. Therefore, during the formative process of doctoral course, the author of this article analyzed the works *Common Customs: studies in traditional popular culture* and *The making of the English working class*, of Edward Palmer Thompson, and *Worlds of labour: further studies in the history of labour*, by Eric Hobsbawm. The analyzes led to reflections on the use of concepts, as well as on the implications of the researcher with the research; besides possibilities to interpret and transform the world, questions inherent in the act of researching.

Keywords: Research; Work; Reading

Introdução

O presente texto resulta de reflexões desenvolvidas ao longo da disciplina História Social do Trabalho, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, em uma instituição de educação superior brasileira, na qual realizamos estudos sobre as seguintes obras: *A condição humana*, de Hannah Arendt (2001), *O grande massacre de gatos*, de Robert Darnton (1992); *A formação da classe operária Inglesa* e *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, de Edward Palmer Thompson (1987 e 1998, respectivamente); *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*, de Eric Hobsbawm (1987); e, por fim, *Trabalhar o mundo: os caminhos do novo internacionalismo operário*, organizado por Boaventura de Souza Santos (2005).

Um dos objetivos da referida disciplina seria analisar a produção historiográfica e os enfoques acadêmicos contemporâneos sobre a temática. Ao longo da mesma, organizamos alguns momentos dessa discussão em forma de seminários, um deles intitulado “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo indus-

¹ Professora da Universidade Federal do Maranhão. Possui Licenciatura em Pedagogia (2005) e Mestrado em Educação (2009), ambos pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero - GEMGe, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMA.

trial”, texto que compõe a obra *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, de Edward Palmer Thompson.

Esse autor exerce um grande fascínio para iniciantes. Devido a isso, resolvemos buscar nas suas duas obras trabalhadas durante a disciplina, *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional* e *A formação da classe operária Inglesa*, maneiras de como entender as possibilidades para escrever sobre a história do trabalho. Nessa perspectiva, elegemos, ainda, *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*, de Eric Hobsbawm.

Assim, teceremos considerações acerca dessas três obras, em seguida, situaremos os autores em seu espaço e tempo. Por fim, abordaremos questões que nos chamam atenção nessas leituras. A primeira dessas questões é de que todo conceito situa-se em seu espaço e tempo, nesse sentido, será analisado como Thompson utilizou o conceito de classe. A segunda são as implicações do pesquisador com a pesquisa. A terceira questão é a perspectiva de interpretar e transformar o mundo. A fim de não cansar sobremaneira o leitor, resolvemos buscar no poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade uma metáfora para chamar atenção para o ato de pesquisar que, assim como o poema aponta para uma reflexão, a pesquisa guarda essa relação.

Isso posto, vamos ao livro *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, de E. P. Thompson, lançado na década de 1990 na Inglaterra. Seu ponto de partida foram os trabalhos sobre o “tempo” e a “economia moral”, iniciados logo após a publicação de *A formação da classe operária inglesa*. O autor relata que a escrita daquele livro demorou cerca de vinte anos, em virtude de seu envolvimento no movimento pacifista antinuclear nos anos de 1980. A esse respeito ele testemunhou: “Não me queixo: estou convencido de que o movimento pacifista teve uma contribuição importante na dispersão da Guerra Fria, que descera como uma nuvem de poluição sobre todos os setores da vida política e intelectual” (THOMPSON, 1998, p. 9).

Ainda sobre *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, ela está organizada em oito capítulos, alguns dos quais já haviam sido publicados em revistas como a *Past and Present*, em 1967. O autor explica que os textos reunidos no livro estão interligados pelo tema do costume, isto é, na maneira como ele se manifestou na cultura dos trabalhadores entre os séculos XVIII e em parte do XIX. Por ser esse o conceito principal, destaca-se o que Thompson entende por costume “campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes” (THOMPSON, 1998, p. 16-19).

A segunda obra, *A formação da classe operária inglesa* foi publicada pela primeira vez em 1963, na Inglaterra, cujo título original era *The making of the English working class*. A respeito do livro, Mattos (2014) informa-nos que o autor recebeu a proposta do editor para a publicação de um livro voltado aos estudantes universitários que contasse a história da classe trabalhadora inglesa entre 1840 a 1930, mas Thompson sugeriu ao editor a inclusão de um capítulo introdutório sobre o período de 1780 a 1830, isso, porém, tornou-se o conjunto da obra.

Ela está organizada em três volumes, sendo o primeiro intitulado *A árvore da liberdade*, o segundo *A maldição de Adão* e o último *A força dos trabalhadores*. No primeiro volume, o autor discute as tradições populares vigentes no século XVIII que influenciaram a agitação jacobina nos anos 1790. No segundo volume, passa das influências subjetivas para as objetivas, isto é, as experiências de grupos de trabalhadores durante a Revolução Industrial; além de tentar avaliar o caráter da nova disciplina industrial do trabalho e da posição a esse respeito da Igreja Metodista. No último volume, recolhe a história do radicalismo plebeu, levando-a, através do luddismo, até a época heroica no final das Guerras Napoleônicas; discutindo, por fim,

alguns aspectos da teoria política e da consciência de classe nos anos de 1820 e 1830 (THOMPSON, 1987).

Sobre o autor Edward Palmer Thompson, Faria Filho (2011) apresenta um brevíssimo percurso desse historiador inglês, cujo nascimento ocorreu no ano de 1924 e falecimento em 1993. Pertenceu a uma família liberal, ingressou no Partido Comunista inglês aos 17 anos, além disso, lutou na II Guerra Mundial, em seguida, participou do processo de reconstrução da Iugoslávia e da Bulgária. Ingressou no curso de Letras, mas decidiu-se pelo curso de História, em Cambridge.

Seu primeiro trabalho, publicado em 1955, foi *William Morris*. No ano seguinte colaborou na criação da revista *Reasoner*, de caráter comunista e independente, fato que causou incômodo no Partido Comunista, que proibiu sua circulação. Ele abandonou o partido para fundar a revista *New Reasoner*. Um marco de sua carreira ocorreu com o lançamento do livro *A formação da classe operária inglesa*. A esse respeito, Burke (2008) assegura que o livro foi um marco na história cultural britânica. Mesmo com as críticas recebidas, que o acusavam de “culturalista”, pois colocava ênfase nas experiências e ideias, e não nas duras realidades econômicas, sociais e políticas, Thompson apenas criticou seus “algozes” pelo “economicismo”.

Por muitos anos, esse autor lecionou para jovens e adultos e, na década de 1960, ingressou na Universidade de Warwick, onde atuou entre 1965 e 1971. Lecionou ainda em universidades dos Estados Unidos e Canadá nos anos de 1979, também foi professor da Universidade de Manchester e de Rutgers (FARIA FILHO, 2011).

A terceira obra é *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária* (1987), de Eric Hobsbawm. Ela constitui-se em mais um volume de estudos sobre a história do trabalho, e sucede a coletânea, publicada pela primeira vez em 1964, sob o título *Trabalhadores*.

De acordo com Hobsbawm (1987), o tema principal dos estudos é a formação e evolução das classes trabalhadoras entre o fim do século XVIII e meados do século XX, além da relação entre a situação em que estas classes se encontravam na sociedade e a “consciência”, os modos de vida e os movimentos que elas geraram.

O historiador afirma que o seu trabalho divide a história da relação das classes trabalhadoras com o resto da sociedade em três grandes fases:

[..] uma de transição do início da industrialização, quando uma classe trabalhadora industrial dotada de visão e de modo de vida independentes surge das ‘classes inferiores’ ou dos ‘trabalhadores pobres’; uma fase de ‘separatismo’ altamente desenvolvido; e uma fase de relativo declínio da separação. (HOBSBAWM, 1987, p.13-14)

A respeito de Hobsbawm, Saliba (2012) cita o que o autor falou sobre si em 2002, “o perfil do bom historiador não pode parecer nem com o carvalho nem com o cedro, por mais majestosos que sejam, e sim com um pássaro migratório, igualmente à vontade no ártico e no trópico e que sobrevoa ao menos a metade do mundo”.

Ele nasceu em Alexandria, em 1917, e faleceu em 2012, foi educado em Viena, Berlim, Londres e Cambridge, lecionou na Universidade de Londres, onde atuou como professor de História Econômica e Social. Escreveu diversas obras entre as quais: *Da Revolução Social Inglesa ao Imperialismo*, *Rebeldes Primitivos*, *Os Bandidos*, *A Era da Revolução*, *Trabalhadores*, *A Era do Capital*, *Invenção das Tradições*.

Estes historiadores, Hobsbawm e Thompson, fazem parte da escola de historiadores sociais. Burke (2008) ressalta que a história da cultura popular foi deixada por longo tempo aos amantes de antiguidades, folcloristas e antropólogos; apenas na década de 1960 um grupo de historiadores, sobretudo anglófonos, passou a estudá-la; um dos quais foi Eric Hobsbawm, que publicou em 1959, sob o pseudônimo de Francis

Newton, *História social do jazz*, nela o autor discutia música e seu público, abordando o *jazz* como negócio e forma de protesto político e social.

Thompson, por sua vez, com *A formação da classe operária inglesa* (1987), analisa o papel desempenhado pelas mudanças econômicas e políticas na formação da classe, bem como o lugar da cultura popular nesse processo. Ele inclui descrições dos rituais de iniciação dos artesãos, do lugar das feiras na “vida cultural dos pobres”, do simbolismo dos alimentos e da iconografia das agitações sociais.

Além disso, os dois historiadores Thompson e Hobsbawm, ao que parece, tinham várias coisas em comum, uma delas era conhecer e transformar o mundo. Embora tenhamos por embasamento teórico poucas produções dos autores, queremos apresentar algumas observações feitas da leitura de suas obras já destacadas acima. Sendo assim, da posição de *estrangeiros* no campo da história lemos e passamos a escrever. De alguma forma, isso nos remete ao que Darnton (1992) disse quando escreveu sobre o complexo mundo da leitura:

Consideremos a frequência com que a leitura mudou no curso da história – a leitura que Lutero fez de Paulo, a leitura que Marx fez de Hegel, a leitura que Mao fez de Marx. Esses pontos se sobressaem em um processo muito profundo, muito mais vasto – o esforço eterno do homem para encontrar significado no mundo que o cerca e no interior de si mesmo (DARNTON, 1992, p.234).

É oportuno também pensar sobre a questão da leitura, sendo assim, é preciso refletir sobre a circulação e a apropriação de ideias, presentes em manuscritos e impressos ao longo do tempo, análise essa que tem sido objeto de estudo de distintos autores. Ao falar sobre a apropriação Chartier afirma que o processo de interlocução texto/sujeito que lê, “[...] visa a uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas que as constroem” (2002, p. 68), ou seja, existem empregos diferenciados e apropriações plurais “[...] dos mesmos bens, das mesmas ideias, dos mesmos gestos” (CHARTIER, 2004, p. 12). Assim, os objetos ou as normas que circulam na sociedade podem ser recebidos, compreendidos, manipulados de diversas formas e durante o processo de pesquisa, selecionamos autores/as que nos ajudem a pensar o objeto de estudo.

Na trilha de Thompson e Hobsbawm

A realização de uma pesquisa é sempre desafiadora, pois precisamos fazer escolhas, uma delas é do referencial teórico e nesse aspecto apontar conceitos que poderão ou não ser utilizados na investigação. Nesse caso, temos como interesse investigar as práticas de administração escolar desenvolvidas em escolas primárias, no período de 1960 a 1970 no Maranhão. Nessa perspectiva, percebemos a necessidade de estudar sobre a história do trabalho e, assim, colocaremos, à maneira de Drummond, algumas pedras na trilha da pesquisa, como pontos de parada para reflexão.

A partir das leituras já citadas, despertou-nos o modo como Thompson e Hobsbawm construíram suas pesquisas, em especial a escolha pela classe trabalhadora, que naquele momento era considerada excluída da história; também o zelo para com os conceitos operacionalizados. A esse respeito, ouvimos a seguinte advertência de Thompson (1998):

É uma queixa comum que os termos ‘feudal’, ‘capitalista’ ou ‘burguês’ sejam demasiado imprecisos para serem úteis numa análise séria, abrangendo fenômenos demasiados vastos e díspares. Entretanto, agora encontramos constantemente o emprego de novos termos, como ‘pré-industrial’, ‘tradicional’, ‘paternalismo’ e ‘modernização’, que parecem estar sujeitos praticamente às mesmas objeções, e cuja paternidade teórica é mais precisa.

Talvez seja interessante observar que, enquanto o primeiro conjunto de termos chama a atenção para o conflito ou tensão dentro do processo social, o segundo parece cutucarnos para que vejamos a sociedade em termos de uma ordem sociológica autorreguladora. Com um cientificismo enganador, **esses termos se apresentam como se não contivessem julgamentos de valor. Também possuem uma estranha falta de temporalidade** (THOMPSON, 1998, p. 27, grifos nossos).

Embora Thompson não tenha utilizado nesse fragmento o vocábulo conceito e sim “termos”, o qual segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010) tem entre outros significados o de “forma”. Pressupomos que haveria uma aproximação com a ideia de conceito ou em outras palavras, a forma que vemos determinada realidade. Isso posto, teríamos uma *primeira pedra* do ponto de vista teórico-metodológico a de que todo conceito situa-se em seu espaço e tempo.

Ao operacionalizar o conceito de classe, Thompson (1987) faz algumas considerações. Primeiramente, ele utiliza classe e não classes, pois “classes trabalhadoras” é um termo descritivo, tão esclarecedor quanto evasivo, além de reunir fenômenos descontínuos. Para ele, classe seria:

- Um fenômeno histórico que une uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência;
- Ela traz a noção de relação histórica, como algo fluido que escapa à análise ao tentar imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura. Essa relação precisa ser encarada em pessoas e contextos reais;
- A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns, sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens cujos interesses divergem;
- A classe é uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico.

Ao agir dessa forma, Thompson (1987) rompeu com alguns paradigmas, ainda nessa obra ele disse que ao selecionar os temas estava cômico de, por vezes, escrever contra o peso de ortodoxias predominantes, uma delas a ortodoxia dos historiadores econômicos empíricos, em que os trabalhadores são vistos como força de trabalho, migrantes ou dados de séries estatísticas.

O historiador também explica porque escolheu essa trilha para escrever a história do trabalho. Em suas palavras:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do ‘obsoleto’ tear manual, o artesão ‘utópico’ e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores da condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência (THOMPSON, 1987, p. 13).

Em face das considerações, a *segunda pedra* são as implicações do pesquisador com a pesquisa, com os sujeitos, sobretudo, o compromisso com a transformação social. Isso é muito claro nos escritos do autor quando disse que nunca retornaremos à natureza humana pré-capitalista; mas tornar conhecidas como eram seus códigos, expectativas e necessidades alternativas pode renovar nossa percepção da gama de possibilidades implícita no ser humano (THOMPSON, 1998).

Quem também compartilha desse compromisso é Hobsbawm (1987) ao afirmar que os historiadores da classe operária têm um ponto comum entre os estudos acadêmicos e a política, compromissos de ordem prática e compreensão teórica, entre interpretar o mundo e também transformá-lo.

Mas o historiador nos adverte sobre a perspectiva de interpretar e transformar o mundo. Ao estudar a história operária, alguns intelectuais cometeram equívocos por não deixarem muito claro em suas pesquisas essa perspectiva. A respeito da interpretação, à *terceira pedra*, Hobsbawm (1987) faz as seguintes sugestões:

- A interpretação deve ser objetivamente válida, isto é, deve ser comunicável a qualquer um. Por isso, é inconcebível que exista uma história operária entendida apenas por trabalhadores manuais ou uma história irlandesa que seja válida se escrita por irlandeses;
- Há uma relação direta entre teorias acadêmicas e intenções políticas;
- Em que sentidos e direções queremos transformar o mundo ou nossas pesquisas implicam transformações?
- Em alguma medida, corremos o risco de esquecer que o sujeito e o objeto de nossas pesquisas são seres humanos?
- Por fim, o objeto final de nossa pesquisa é criar um mundo no qual os trabalhadores possam fazer própria história, ao invés de recebê-las prontas de terceiros, ainda que de acadêmicos.

Considerações finais

Em síntese, intencionamos refletir sobre o processo de pesquisa, para isso, partimos da ideia de que fazer pesquisa é trilhar um caminho que para alguns é completamente desconhecido e sendo assim, precisamos olhar o caminho dos outros. Nessa direção, retiramos da leitura de alguns textos de Thompson e Hobsbawm lições para construção de um percurso. Para amenizar o peso da jornada, convidamos Carlos Drummond de Andrade com o poema *No meio do caminho*:

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

O poema é utilizado para dizer que *no meio do caminho* encontraremos muitas pedras e cada um fará um uso diferente delas. No nosso caso, a jornada da vida se cruzou com o desejo de aprender a pesquisar e foi assim que tivemos a oportunidade de lê historiadores como Thompson e Hobsbawm que fizeram de suas pesquisas suas grandes obras de vida. De suas leituras pudemos retirar algumas pedras: a *primeira* de que todo conceito situa-se em seu espaço e tempo; a *segunda* são as implicações do pesquisador com a pesquisa; e a *terceira* é interpretar e transformar o mundo.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992. p.199-237.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Fazer história da educação com E.P. Thompson: trajetórias de um aprendizado. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 247-264.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.
- HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MATTOS, Marcelo Badaró. A formação da classe operária inglesa: história e intervenção. **Trabalho necessário**, ano 12, n. 18, 2014. Disponível em: <www.uff.br/trabalhonecessario>. Acesso em: 30 out. 2017.
- SALIBA, Elias Thomé. A vida e a obra de Eric J. Hobsbawm pelo historiador Elias Thomé Saliba. **Estadão Cultura**, 01 out. 2012. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-vida-e-a-obra-de-eric-j-hobsbawm-pelo-historiador-elias-thome-saliba>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- SANTOS, Boaventura de Souza (org.). **Trabalhar o mundo**. Os caminhos do novo internacionalismo operário. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. v. 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em: 06.02.2018

Aprovado em: 09.05.2018